

Katie Kitamura

Audição

Tradução de Tânia Ganho



Parecia uma escolha improvável, aquele grande estabelecimento no bairro financeiro, pelo que fiquei parada à porta e verifiquei a morada, o nome do restaurante, na dúvida se me teria enganado. Foi então que o vi pela janela, sentado a uma mesa ao fundo da sala. Olhei fixamente através das camadas de vidro e reflexo, através da moldura do meu próprio rosto. Algo se desenrolou no meu estômago, lento e langoroso, e decidi que seria melhor ir-me embora do que entrar e me encontrar com ele.

Nesse momento, a porta da rua abriu-se e saiu um homem, que me fez um aceno de cabeça e segurou na porta e, por causa dessa pequena cortesia — um convite ou uma injunção —, entrei. O átrio estava buliçoso, clientes a recolherem os seus casacos, pessoas a entrarem e saírem e, por breves instantes, deixei que o movimento me fustigasse. Quando a multidão se dispersou, voltei a conseguir ver o fundo da sala: ele estava debruçado sobre a ementa, a examiná-la com uma postura nervosa. A mesa dele ficava entre a entrada da cozinha e as casas de banho, em pleno vaivém de gente. Dois executivos esbarraram no canto da mesa e ele recostou-se, impaciente, vi-o inspirar fundo, como se tentasse ordenar ou acalmar as ideias.

O chefe de sala perguntou-me se eu tinha reserva. Eu disse que vinha encontrar-me com uma pessoa e indiquei

o rapaz sentado ao fundo do restaurante. O Xavier. Passou-me pela cabeça que o chefe de sala devia ser a pessoa que o sentou àquela mesa tão pouco convidativa e, quando aponteí, vi uma centelha de surpresa perpassar-lhe as feições. Os olhos dele deslizaram rapidamente da minha cara para o meu casaco e joias. Acima de tudo, foi a minha idade. Foi isso que o desconcertou. Forçou um sorriso e disse-me para o acompanhar. Eu não tinha obrigação nenhuma de obedecer, podia dizer ao chefe de sala que me tinha enganado, ou que surgira um imprevisto, podia virar costas e esgueirar-me. Mas, por essa altura, pareceu-me que já era demasiado tarde e, da mesma maneira que tinha entrado no restaurante a mando do homem à porta, pelo imperativo da simples cortesia, segui o chefe de sala por entre o labirinto de mesas, todas elas ocupadas. Perguntei-me uma vez mais porque é que o Xavier teria escolhido um sítio tão concorrido a uma hora tão movimentada, quando podíamos perfeitamente ter marcado encontro noutro lugar qualquer, à tarde, de manhã ou ao final do dia, para tomar um café ou um copo sossegado. O chinfrim cercou-me, sitiando-me a mente a tal ponto que até tinha dificuldade em raciocinar, dificuldade em encontrar os meus pensamentos por entre o ruído.

O Xavier levantou os olhos quando nos aproximámos. Pousou a ementa e ergueu-se, recordando-me que era invulgarmente alto. Por uns instantes, senti-me intimidada, não sei se por ele ou se pela situação. Sorrii e disse que pensara que talvez eu não aparecesse, estava à beira de perder a esperança quando finalmente me vira.

O chefe de sala já tinha desaparecido. Sentámo-nos, um em cada ponta da mesa, eu de costas para a parede. Olhei para o Xavier e, lentamente, desenrolei o cachecol

do pescoço. Ele ainda tinha um sorriso no rosto. Desde o início, eu reparara no seu charme natural, no seu carisma, mas apercebia-me agora de que ele o distribuía com mãos demasiado largas. Não parecia compreender a intensidade do seu efeito, nem que se movia num mundo habitado por outras pessoas. Nesse sentido em especial, ainda era muito jovem.

Pousei o cachecol e pedi desculpa, disse-lhe que normalmente era pontual. Ele abanou a cabeça, demasiado ávido, respondeu que não era preciso pedir desculpa, só pensara naquelas coisas por estar demasiado ansioso, por recear que eu mudasse de ideias, senão, em circunstâncias normais, nem teria reparado num atraso de cinco minutos, ele próprio se atrasava muitas vezes.

Seguiu-se uma pausa constrangida e, então, falámos ao mesmo tempo: eu perguntei como corriam as aulas e ele pediu desculpa pela maneira como se comportara da última vez que nos tínhamos visto. Entendo a imagem com que deve ter ficado de mim, disse ele. Deve ter pensado se eu teria perdido o juízo, se lhe daria motivo para preocupações. As palavras dele abafaram a minha pergunta, a costa de uma conversa normal afastava-se rapidamente de nós. Ele falara por cima de mim, não por chauvinismo, não me pareceu, mas por excesso de entusiasmo ou nervosismo, falou como alguém que não tinha tempo a perder.

Olhei para a ementa e disse que devíamos pedir, queria comer e queria beber um copo, o mais depressa possível. Ele fez uma pausa, depois baixou a cabeça para examinar a ementa outra vez. Perguntei se já sabia o que desejava e ele respondeu que não tinha muita fome. Estou sem apetite, foi o que ele disse. Mesmo assim, quando o empregado veio à mesa, ele pediu um hambúrguer com batatas fritas,

um prato de criança. Não pude deixar de sorrir. Indiquei ao empregado o que queria comer e, depois, pedi-lhe que me trouxesse um *vodka tonic*, já passava do meio-dia, era mais do que aceitável beber àquela hora.

Assim que o empregado virou costas, olhei para o Xavier e perguntei novamente como corriam as aulas. Estava decidida a orientar a conversa para assuntos mais neutros, mas, ao fazê-lo, dei a sensação de o antagonizar, vi que ele encarou o meu desapego como uma afronta. Ficou calado e, em tom aborrecido, disse que as aulas estavam a correr bem. Bem, disse, e não acrescentou nada. Insisti, perguntei quem eram os professores, talvez eu conhecesse alguns, mas ele abanou a cabeça e disse que nesse semestre escolhera na sua maioria aulas técnicas e era pouco provável eu conhecer os orientadores.

Mesmo assim, persisti. Interessa-me saber o que está a estudar, expliquei. Que tipo de trabalho quer fazer. Quem admira.

Admiro Murata, retorquiu, depois de uma pausa matreira. Adoro o trabalho dele.

Assenti, cautelosa.

Conheceu-o, claro.

Muito pouco. Só trabalhei com ele uma vez, e por um período curto. Ele morreu pouco depois. E não falávamos a mesma língua. Eu dizia as minhas frases foneticamente, trabalhávamos através de intérpretes. A interação foi bastante circunscrita.

Como é que ele era?

Era brilhante, respondi devagar. Estava ciente de que o Xavier me observava atentamente, com uma avidez demasiado à flor da pele. Ele já estava muito doente, expliquei. Cansava-se com facilidade e só por pura força

de vontade acabou a produção. Nenhum de nós sabia que ele tinha cancro.

Partes do Discurso é uma obra-prima.

Sim.

Vi-o outra vez há pouco tempo. Era tão nova.

Pois era. Quem me viu e quem me vê.

Detetei uma nota jocosa na minha voz, talvez por não me sentir confortável a falar sobre Murata e querer desviar a atenção do Xavier para outra coisa. Namoriscar era um hábito, um hábito que se atenuara com o tempo e com a idade, mas que por vezes voltava a despertar. Foi um erro da minha parte. O Xavier inclinou-se logo para a frente, como se pressentisse uma abertura. Recostei-me de novo. Tal como todas as mulheres, em tempos fui perita em encontrar um equilíbrio entre as exigências da cortesia e as exigências das expectativas. As expectativas, que eu sabia que eram uma dívida que, mais cedo ou mais tarde, tem de ser paga, de uma maneira ou de outra.

Baixinho, o Xavier declarou: Quero que saiba que aceito o que me disse. Parecia prestes a pegar-me nas mãos, mas pressionou as palmas na mesa e ficou nessa estranha pose durante demasiado tempo, uma postura simultaneamente humilhante e defensiva. Eu não sabia quase nada sobre a pessoa sentada à minha frente, senti a pele começar a arder ao lembrar-me do fervor com que ele falara naquele dia no teatro, o sentimento de repulsa e excitação que suscitara dentro de mim. Estava habituada a pessoas dotadas de uma tremenda força de vontade, convivia frequentemente com pessoas cujo trabalho consiste em impor a sua realidade ao mundo. Mas, vendo-o retrair-se de uma maneira submissa e insegura, perguntei-me se no fim de contas ele não seria esse tipo de pessoa e não saberia de facto o que queria de mim.

O empregado trouxe-nos os pratos e, enquanto se movia sobranceiro a nós, o Xavier tirou, relutante, as mãos da mesa e pô-las no colo. O empregado começou a pousar os pratos, deslizando o olhar sub-repticiamente de mim para o jovem e de novo para mim. Levantei a cabeça e o olhar dele afastou-se aos pulinhos. O Xavier começou a comer. Enquanto o observava, o movimento da boca a mastigar, o pescoço sinuoso, senti uma mudança inesperada entre nós. Embora fosse um desconhecido para mim, em tantas coisas insondável, eu conhecia os pormenores da fantasia que ele criara, o castelo que erigira na mente, ele partilhara a sua arquitetura privada comigo e essa revelação era uma forma de intimidade.

O empregado pigarreou e perguntou se queríamos mais alguma coisa. O Xavier tinha comido um terço do hambúrguer enquanto o empregado organizava os pratos do pão e os acompanhamentos. Engoliu e bebeu um longo gole de água. A cara do empregado, com a sua cuidadosa neutralidade, era como uma máscara. Enquanto o observava fixamente, recordei-me de repente de um incidente de muitos anos antes, quando eu ainda não tinha sequer vinte anos, num restaurante bastante parecido com aquele, mas em Paris. Tinha-me encontrado com o meu pai lá, ele convidara-me para almoçar; na altura eu era uma aluna de teatro magérrima e, na sua preocupação geral comigo, ele pediu uma ampla sucessão de pratos. Assim que o empregado de mesa se afastou, disse-me que tinha uma coisa especial para me dar, uma coisa que ele e a minha mãe tinham visto numa loja em Roma.

Abri a caixa com uma exclamação de deleite. Era um colar de esmeraldas, lindo e extravagante, e assim que ele mo apertou ao pescoço, abracei-o. Não me tinha

apercebido até àquele momento das saudades que sentia da companhia regular dos meus pais. Talvez as minhas reações fossem, de alguma maneira, em segunda mão ou encenadas — a exclamação de deleite, por exemplo —, mas o sentimento que pretendiam exprimir era sincero, ainda tenho esse colar e lembro-me dos meus pais sempre que o uso. Mas também me lembro de outra coisa, outra versão ou interpretação da cena que se desenrolou entre o meu pai e eu naquele restaurante em Paris, e, embora não tenha contaminado a minha recordação desse almoço — um dos últimos antes de o meu pai morrer —, representou para mim o fim definitivo da minha meninice e o início da longa fase a que chamamos ser mulher, cujo fim começava, por sua vez, a aproximar-se agora.

A refeição ia a meio, no tal restaurante caro em Paris, com o nosso empregado de avental imaculado a trazer-nos prato atrás de prato, o meu pai pedira comida a mais. O empregado voltou a encher-nos os copos de vinho e eu reparei que o meu pai estava novamente a beber demasiado, a meio do dia. Foi quando enchia uma vez mais o copo do meu pai que o empregado se virou muito ligeiramente para mim e me piscou o olho com ar lascivo. Sobressaltei-me, o meu pai perguntou se se passava alguma coisa. Olhei para o empregado, cujo rosto estava tão impassível que fiquei na dúvida se teria imaginado a piscadela de olho. Não, disse eu. Não foi nada.

Mas a minha impressão do empregado mudara e, durante o resto da refeição, senti a atenção dele cada vez mais opressiva, a maneira como parecia aproximar-se demasiado, sempre que pousava um prato à minha frente, ou varria as migalhas da mesa, o seu comportamento carregado com uma intimação em que o meu pai parecia não

reparar e de que eu me apercebi sem, todavia, compreender totalmente. Em si e por si, o namoriscar dele não era assim tão escandaloso, ele não era muito mais velho do que eu e eu não era propriamente imune às atenções masculinas. Mas foi só quando o meu pai pagou a conta avultada e nos levantámos para sair que compreendi a natureza exata da insinuação que estivera subentendida no comportamento do empregado.

Estávamos a uns passos da mesa quando me lembrei do estojo da joia vazio que tinha deixado na mesa e virei-me para o ir buscar. Quando estiquei o braço para o estojo, o empregado apareceu e enfiou-me um papel na mão, que eu deixei logo cair, atrapalhada, mas consegui ver que era um número de telefone e ouvi o que o empregado me segredou ao ouvido, o seu hálito quente e molhado: Liga-me quando acabares de trabalhar. E eu percebi que ele tinha tomado o meu pai e as suas bonitas delicadezas para comigo naquele dia por uma coisa completamente diferente. Foi a primeira vez que tive pena do meu pai, por ele poder ser confundido com um velho ridículo e ganancioso, daqueles que precisam de pagar para ter companhia, daqueles com necessidades que não se saciam à borla.

E, agora, pensei ter visto o mesmo juízo de valor nos olhos do empregado de mesa, quando olhou para mim e depois para o belo jovem sentado à minha frente. A situação inverteu-se, desta feita era eu o objeto de compaixão, se não mesmo de desprezo assumido: no fim de contas, eu era mulher e o juízo de valor em relação às mulheres é sempre mais duro. Secamente, perguntei ao empregado se me podia trazer mais uma bebida e ele assentiu e levou o copo vazio. Quando se afastou, deparou-se-me o olhar de um homem sentado a várias mesas de nós. Por um

instante, ficámos de olhos fixos um no outro. Depois, ele esticou o braço e deu uma palmadinha na mão da mulher sentada a seu lado, um gesto frio e reconfortante. Percebi muito bem o que o casal de meia-idade julgava que se passava entre nós e senti uma onda de irritação e, a seguir, um sentimento de compaixão pelo Xavier; lembrava-me de como era ser tão jovem e ser sempre visto pela perspectiva da satisfação dos desejos de uma pessoa mais velha.

Gosta de viver na cidade?, perguntei abruptamente.

Ele pousou a faca e o garfo e limpou a boca com o guardanapo, tinha muito bons modos à mesa, educaram-no bem. Ele era o que costumávamos apelidar de apresentável, um jovem a quem não faltava dinheiro nem atenção. Sim, disse ele. Adoro a cidade, faria o que quer que fosse para cá ficar. Falava com descontração e também confiante de que o seu resultado desejado viesse a acontecer. Percebi que ele era, na sua essência, uma pessoa segura de si, a minha primeira impressão dele a correta. O rapaz que aparecera à porta do teatro, o corpo um pouco tenso. Lembrei-me de que a Lou se levantara imediatamente para lhe ir perguntar o que queria, se o podia ajudar, lembrei-me de me ter virado e ter visto como ela lhe sorria e ele lhe sorria de volta.

Era a minha presença que o fazia virar-se para dentro, que alterava a composição da sua personalidade. Percebi, então, que fizera mal em encontrar-me com ele. Eu tinha uma propensão natural para encostar a cara ao vidro, para espreitar o mistério das outras pessoas, mas também tinha um instinto de autopreservação. Sabia traçar as linhas com firmeza e depressa, sempre que necessário, puxar os estores e retirar-me. Eu não tocara no peixe, mas o Xavier comera, agora era o momento de falar com determinação.

Acho que não devíamos voltar a ver-nos, disse, assim que o empregado levantou os nossos pratos. O Xavier encolheu-se, como se eu lhe tivesse batido. Não é possível termos qualquer tipo de relação.

Tudo o que me disse... aceito. Compreendo. A sério que compreendo.

Então, porque é que se quis encontrar comigo?

Ele hesitou. Preciso de lhe dizer uma coisa.

O homem da mesa próxima da nossa observava-nos outra vez, eu conseguia sentir o olhar dele em mim e levantei a cabeça com irritação. Mas o que vi para lá dele travou-me, confusa. Vi o Tomas entrar no restaurante, embora não fosse possível, ele dissera-me nessa mesma manhã que ficaria em casa a trabalhar o dia inteiro, ele nunca vinha a esta zona da cidade e não havia motivo nenhum para estar num restaurante como este, que ele teria detestado. Devia ter começado a chover, porque ele trazia um chapéu de chuva e sacudiu cuidadosamente a água ao entrar, com movimentos precisos, como sempre. Dirigiu-se ao chefe de sala, que assentiu e lhe indicou as mesas que estavam a esvaziar-se depressa, provavelmente dizendo-lhe que podia escolher qualquer uma.

Volto já, disse o Xavier, e começou a levantar-se com toda aquela sua estatura.

Não, atalhei. Sente-se.

Falei num tom mais brusco do que pretendia. Ele sentou-se. Tinha os olhos cravados em mim, talvez fosse a primeira vez que eu o surpreendia deveras. Entretanto, o Tomas seguiu o chefe de sala para o interior do restaurante. Perguntei-me qual seria a melhor maneira de proceder, se devia simplesmente captar o olhar dele e acenar da outra ponta do restaurante. Seria a reação mais natural,

podia dizer que o Xavier era um aluno, o que era verdade, um jovem interessado em teatro. Mas, depois, o Tomas juntar-se-ia a nós, o que também seria natural, e a partir daí desenrolar-se-ia toda uma catadupa de acontecimentos.

O Xavier fitava-me com uma expressão estranha. Passa-se alguma coisa?, perguntou. O Tomas já ia a meio do restaurante e eu preparava-me para me levantar, para lidar com a situação o melhor possível fazendo *bluff*. Ele ainda não me tinha visto, mas não faltava muito, havia cerca de uma dúzia de mesas ocupadas, o chefe de sala encaminhava-se rapidamente na nossa direção, era só uma questão de tempo. O Tomas seguia-o, com um ar um nadinha vago e distraído, como se tivesse a cabeça longe dali. Observei-o do fundo do restaurante, parecia muito mais velho ao longe, e senti uma pontada de ternura, de amor, naquele momento não consegui perceber porque é que não lhe tinha contado do Xavier, uma vez que lhe contava tudo, era a pessoa em quem mais confiava no mundo.

O Tomas compreenderia. É claro que sim. Foi com essa ideia em mente que levantei a mão, como que para chamar a atenção dele. Senta-te, diria eu. Junta-te a nós. Este é... e apresentaria o Xavier ao Tomas, que se sentaria ao meu lado. A presença dele acalmar-me-ia, tiraria toda a carga de ameaça à situação. Acenei o braço no ar, o Tomas encontrava-se a poucos passos de nós, eu estava convencida de que nos tinha visto. O Xavier virou-se, com uma expressão confusa, varreu o olhar pela sala, mas não se demorou no Tomas, que ele não conhecia e com quem nunca se cruzara. O Xavier lançou-me um olhar inquiridor, eu limitei-me a erguer a mão mais alto, fazendo sinal.

Mas, nesse instante, o Tomas imobilizou-se. Tinha as mãos nos bolsos do casaco e começou a vasculhá-los,

como se procurasse uma coisa, o telefone ou a carteira, talvez as chaves. Parara a meio do restaurante, eu devia ter-me levantado e ido ao encontro dele, mas não me mexi. Enquanto eu o observava, o Tomas falou com o chefe de sala, que fez que sim com a cabeça e encolheu os ombros. O Tomas virou-se e retirou-se, atravessando a sala depressa, como se se tivesse esquecido ou perdido alguma coisa importante. Ao mesmo tempo, de par com essa urgência, ou impulsionando-a, havia qualquer coisa de vergonhoso, algo escondido ou impróprio.

A porta de vidro abriu-se e fechou-se. Virei-me e observei o Tomas a descer apressadamente a rua. Senti, na partida dele, uma sensação de arrependimento tão vinçada que pareceu exercer uma força gravitacional, pareceu puxar-me para o chão. Podia ter-me levantado e tê-lo chamado. Podia ter corrido atrás dele, ter-lhe agarrado no braço. Mas algo me detivera. Quando fora a última vez que isso acontecera, quando olhara eu para o meu marido e vira uma emoção ou uma expressão que não conseguia facilmente processar, cujo sentido não me era evidente à primeira vista? Estaria ele a esconder alguma coisa, o motivo da sua presença naquele restaurante, na zona errada da cidade, à hora errada do dia, especialmente para uma criatura de hábitos como ele era?

Está tudo bem?

Virei-me para o Xavier e foi então que vi: a semelhança entre nós, que ia além da raça que partilhávamos, era um eco ou reflexo nas nossas feições que não tinha explicação nem objetivo. Nesse instante, consegui discernir o contorno do pensamento dele, do seu delírio pessoal, quase consegui alcançá-lo e agarrá-lo. Mas a sensação esmoreceu e o abismo entre nós voltou a escancarar-se. Ele recostou-se

na cadeira e expirou, e eu reconheci o movimento, era o que ele tinha feito no teatro, quando nos conhecemos.

Um velho gesto meu que ele vira nos meus filmes, nas minhas interpretações em palco, e copiara sem pudor nenhum. Um pedaço de mim, no corpo de um desconhecido, uma coisa minha que aquele jovem sentado à minha frente tirou e levou para o reino da estranheza. A raiva inundou-me, um aguçar de todos os meus instintos. A situação era mais perigosa do que eu percebera: por detrás das exigências e intrusões superficiais da personalidade dele, havia uma impiedade que eu não captara e para a qual não me preparara. Tenho de ir, anunciei ao Xavier e, antes que ele pudesse responder, pus-me de pé e afastei-me da mesa, não tinha mais nada para dizer, a não ser repetir: tenho de ir.

**Uma atriz e o papel da sua vida. Uma atriz,
dois homens, e os papéis que interpretamos
fora do palco. Hipnotizante e virtuoso,
Audição questiona o que sabemos, afinal,
acerca de quem amamos.**

«Há sempre duas histórias a desenrolarem-se ao mesmo tempo, a narrativa dentro da peça e a narrativa em redor dela, e a fronteira entre as duas é mais porosa do que se possa pensar, eis o perigo e, em simultâneo, a excitação do espetáculo.»

Duas pessoas encontram-se num restaurante em Manhattan. Ela é uma atriz elegante, célebre, em ensaios para uma peça a estreiar em breve. Ele é um rapaz sedutor, enigmático, suficientemente jovem para ser filho dela. Durante este encontro, nada parece capaz de rasgar o véu de tensão e dúvida: quem é ele para ela, quem é ela para ele?

Audição coloca em cena personagens que se desdobram em duas narrativas ora paralelas ora entrecortadas, instigando uma reflexão sobre os papéis que desempenhamos — na intimidade, no quotidiano, na vida pública.

Da autoria de uma das mais aclamadas escritoras contemporâneas, este é um livro caleidoscópico e brilhante, que convida o leitor a entrar no jogo, num enigma ficcional irresistível até à última página.

Nesta história, nada é o que parece. Mas *Audição* alimenta-se da mesma matéria que a vida: memória, desejo, sucesso, amor, fidelidade, arrependimento. Turvando a fronteira entre realidade e ficção, este romance é puro espetáculo.



ROMANCE FINALISTA DO BOOKER PRIZE 2025

«Tão excitante quanto enigmático.»

Time

**«Não há nada parecido com um livro de Katie Kitamura.
O leitor ficará atordoado, desassossegado, e será incapaz
de desviar o olhar do palco.»**

Chicago Review of Books



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)
 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-642-4



9 789895 896424